

## A Igreja Pode Evoluir? | Fintan O'Toole | The New York Review of Books

"Se", escreveu Thomas Hobbes na mais cáustica das críticas protestantes, "um homem considerar a origem deste grande Domínio Eclesiástico, ele facilmente perceberá que o Papado nada mais é do que o Fantasma do falecido Império Romano, sentado coroado sobre o túmulo deste." Poder-se-ia dizer que a missão do falecido Papa Francisco foi banir esse fantasma. A grande questão para seu sucessor, Leão XIV (Robert Prevost), é se seu papado completará o exorcismo ou continuará assombrado pelo espectro da Igreja imperial.

A resposta importa, obviamente, para 1,4 bilhão de católicos. Mas também pesa fortemente sobre uma questão central na crise contemporânea da democracia: a natureza da autoridade.

Em 2023, Prevost disse: "Não devemos nos esconder atrás de uma ideia de autoridade que não faz mais sentido hoje."

Enquanto servia como chefe da comissão do Vaticano para a nomeação de bispos, ele observou: "O bispo não deve ser um pequeno príncipe sentado em seu reino." Parece provável que ele também acredite que o papa não deva ser um pequeno imperador sentado em sua corte imperial. Ao escolhê-lo para a elevação, os outros 132 cardeais elegíveis para votar no conclave parecem ter tido em mente um pequeno imperador muito particular: o da Casa Branca.

A escolha de Prevost é um lembrete de que a Igreja não sobreviveu por tanto tempo sem uma espécie de gênio político. Embora seja uma gerontocracia masculina, o Colégio dos Cardeais pareceu, por vezes, ter um sexto sentido para as correntes subterrâneas da história. Sua escolha em 1978 de um carismático polonês, Karol Wojtyła, como Papa João Paulo II, antecipou brilhantemente a queda do império soviético. Desta vez, tomou uma decisão quase igualmente ousada: criar, num momento de crise para os EUA e seu lugar no mundo, um modelo alternativo de liderança global americana.

O aspecto mais imediatamente surpreendente sobre Prevost é que ele personifica a natureza híbrida da identidade americana.

Enquanto Donald Trump mobilizou uma retórica nazista sobre imigrantes "envenenando o sangue de nosso país", o sangue de Prevost é afro-crioulo, francês, italiano e espanhol. Seus avós maternos eram pessoas de cor de Nova Orleans. Ele também é cidadão peruano e passou grande parte de sua vida ministrando ao tipo de gente que Trump caracteriza como "vermes". Quando o vice-presidente J.D. Vance sugeriu à Fox News em janeiro que o cristianismo prioriza o amor pela própria família e vizinhos em detrimento do amor por estranhos e estrangeiros, uma conta no X aparentemente pertencente a Prevost postou uma

repreensão: "J.D. Vance está errado: Jesus não nos pede para classificar nosso amor pelos outros."

Antes que a ideia de um papa americano se tornasse real, Trump havia brincado com a noção de que poderia ser ele. Ele declarou em 29 de abril que sua "escolha número um" para a sucessão do Papa Francisco seria ele mesmo. Em 2 de maio, menos de uma semana após comparecer ao funeral de Francisco, Trump postou no Truth Social (e a conta oficial da Casa Branca repostou no X) uma imagem gerada por IA de si mesmo entronizado em uma cadeira dourada, ostentando uma mitra bordada a ouro e vestido com uma batina papal branca com uma elaborada cruz peitoral. Sua mão direita está levantada em um gesto de bênção e comando. Trump estava recorrendo a muitos séculos de retratos papais, lembrando a descrição de Annalyn Swan e Mark Stevens do célebre Retrato de Inocêncio X de Diego Velázquez como "uma visão autoritativa de um autoritário". Trump chamou a postagem de "uma pequena diversão", mas, como em muito do humor de Trump, a comédia da imagem de IA não escondia sua intenção autoritária.

Esses jogos foram a luta de sombra preparatória para a verdadeira batalha.

O trumpismo contém uma profunda veia de catolicismo reacionário, representada não apenas por Vance e Steve Bannon, mas também pelos três indicados de Trump para a Suprema Corte, todos criados como católicos. Esse nexo era hostil à versão da fé de Francisco, que considerava fraca e "woke". A oposição aberta a Francisco no topo da hierarquia da Igreja foi liderada pelo cardeal americano Raymond Burke, que por um tempo foi patrono do Instituto Dignitatis Humanae de Bannon. A apresentação de Trump como papa foi a realização de um desejo para aqueles de seus fãs católicos que esperavam um sucessor de Francisco favorável a Trump. (Trump sugeriu o bajulador cardeal de Nova York, Timothy Dolan, como uma opção "muito boa".)

Nesse contexto, a escolha de Prevost pode ser vista como algo análogo às recentes vitórias de Mark Carney no Canadá e Anthony Albanese na Austrália: ser o candidato anti-Trump é uma vantagem eleitoral. Prevost foi esse candidato, não apenas por oferecer continuidade com Francisco, mas por sua personalidade de americano quieto, ponderado e completamente cosmopolita. Como Leão XIV, ele se oporá à demonização de imigrantes por Trump, aos ataques às instituições internacionais e à negação da crise climática; em novembro, ele disse a uma conferência no Vaticano que o "domínio sobre a natureza" dado à humanidade por Deus não deveria se tornar "tirânico".

Há, no entanto, uma questão mais incômoda para Leão e os cardeais que o escolheram. Pode um papado imperial realmente apresentar uma alternativa a uma presidência imperial? Ou pode a própria Igreja evoluir para um tipo de domínio que não seja tirânico? Francisco claramente acreditava que sim, e há todos os motivos para pensar que Leão compreende esse imperativo. Mas agir sobre ele não será fácil.

Aqui, um texto importante é um discurso que Francisco fez ao Parlamento Europeu em Estrasburgo em 2014. Ele falou de "crescente desconfiança por parte dos cidadãos em relação a instituições consideradas distantes, empenhadas em estabelecer regras percebidas como insensíveis aos povos individuais, se não totalmente prejudiciais". Ele estava falando, ostensivamente, sobre a própria União Europeia e, de forma mais ampla, sobre governos democráticos. Mas ele devia estar ciente de que nenhuma instituição passou tantos séculos estabelecendo regras de forma distante quanto aquela que ele próprio governava. Suas palavras eram quase uma definição do papado tradicional.

Francisco estava implicando um paralelo entre a maneira como um papa deveria se comportar e os padrões que ele poderia estar estabelecendo para os políticos: a Igreja não pode defender a humildade e a sensibilidade se permanecer institucionalmente arrogante e ditatorial. Seu sucessor certamente não está menos consciente da contradição entre seu chamado histórico para ser um contrapeso à política tirânica, por um lado, e, por outro, a estrutura de hierarquia masculina exclusiva em cujo pináculo ele agora se encontra.

Hobbes não estava errado sobre a herança imperial do papado.

Após a queda do Império Romano Ocidental, como observa Diarmaid MacCulloch em sua monumental *Uma História do Cristianismo* (2009), frequentemente os bispos da Igreja Católica eram a única forma de autoridade latina remanescente, já que o serviço civil imperial havia entrado em colapso. Suspeita-se que homens capazes e enérgicos que anteriormente teriam ingressado no serviço imperial, ou que de fato haviam começado como funcionários nele, agora ingressavam na Igreja como a principal opção de carreira disponível para eles. A tensão entre as origens da Igreja como uma comunidade de excluídos e sua evolução como herdeira dos sistemas burocráticos de comando e controle do Império Romano permanece radicalmente não resolvida.

Durante a maior parte de sua história, o papado combinou a autoridade espiritual da liderança religiosa com o poder bruto da monarquia terrena. Até 1978 e a ascensão do efêmero João Paulo I, o novo papa era coroado com uma tiara tripla cujas camadas simbolizavam sua posição como (na modesta formulação da cerimônia de coroação) "o pai de príncipes e reis, o governante do mundo, o vigário de nosso Salvador Jesus Cristo na Terra." Quando essa invocação foi abandonada, as duas primeiras dessas reivindicações haviam se tornado patentemente absurdas, mas seu absolutismo autoritário permaneceu – pelo menos em princípio – intacto.

O papado finalmente perdeu sua posição como monarquia temporal quando as forças armadas de uma Itália ressurgente e unificada entraram em Roma em setembro de 1870. Mas Pio IX antecipou essa perda reforçando o imperialismo espiritual. Ele decretou "o dever de subordinação hierárquica e verdadeira obediência" ao "poder do Romano Pontífice". Ele assumiu para o papado "aquel infalibilidade que o divino Redentor quis que sua igreja gozasse ao definir doutrina sobre fé ou moral". Essas doutrinas, uma vez declaradas, eram "irreformáveis".

O papa tornou-se assim um novo tipo de imperador, que não governa sobre o espaço, mas sobre o tempo. Armado com esses poderes especiais de infalibilidade e imutabilidade, ele poderia desafiar a história e a mudança social. Até 1967, "todo o clero, pastores, confessores, pregadores, superiores religiosos e professores em seminários filosófico-teológicos" tinham que prestar o "Juramento Antimodernista" decretado por Pio X em 1910:

Sustento sinceramente que a doutrina da fé nos foi transmitida pelos apóstolos através dos Padres ortodoxos exatamente no mesmo significado e sempre no mesmo teor. Portanto, rejeito inteiramente a deturpação herética de que os dogmas evoluem e mudam de um significado para outro.

Essa linguagem – hierarquia, subordinação, obediência, imutabilidade – tornou a Igreja uma aliada natural de regimes autoritários, especialmente nas formas que assumiram em países católicos. O Vaticano fez um acordo confortável com Benito Mussolini nos Pactos de Latrão de 1929. A Igreja declarou o golpe de Francisco Franco contra a República Espanhola uma "cruzada nacional" e posteriormente ajudou a sustentar sua ditadura. A Igreja também se uniu em torno do Marechal Pétain na França de Vichy e de António de Oliveira Salazar em Portugal. Muitos católicos (individual e coletivamente) agiram heroicamente para resistir ao fascismo e se opor às suas atrocidades, mas tiveram que ir contra a corrente da doutrina institucional da Igreja de submissão ao governo de um só homem. A ditadura espiritual do papa forneceu um modelo para seus equivalentes temporais – e é por isso que, com o ressurgimento do fascismo em todo o mundo, a conduta do papa tem uma ressonância muito além dos limites de sua própria igreja.

Em princípio, a Igreja imperial foi desmantelada pelo Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII em 1962. Ele reimaginou a autoridade da maneira como as revoluções seculares dos séculos XVIII e XIX haviam feito – como derivada do povo. Sua grande inovação foi a redefinição da Igreja como o "Povo de Deus", uma efetiva declaração de soberania espiritual popular. A encíclica de 1965 "Gaudium et Spes" (o título uma evocação quase extasiada de Alegria e Esperança) declarou:

O Povo de Deus acredita que é guiado pelo Espírito do Senhor, que enche a terra.

Motivado por essa fé, ele trabalha para decifrar os sinais autênticos da presença e do propósito de Deus nos acontecimentos, necessidades e desejos dos quais este Povo participa junto com outros homens de nossa época. O radicalismo desta formulação é duplo. Primeiro, há aquela simples palavra "guiado". A liderança é implicitamente democratizada – não está enraizada no "poder do Romano Pontífice", mas nas obras de um Espírito universal. E, ainda mais profundamente, o significado do divino não é claro, absoluto, atemporal ou unicamente revelado ao papa. É um conjunto de sinais misteriosos que o povo deve trabalhar coletivamente para decifrar. Eles buscam essas pistas não apenas na doutrina da Igreja, mas em seus próprios corpos e mentes e nos eventos que se desenrolam em uma história que compartilham com outros seres humanos de todas as fé e nenhuma.

Essa visão, no entanto, não foi compartilhada por todos os participantes do Vaticano II. Wojtyła, que foi elevado a arcebispo de Cracóvia durante esse período, votou contra a versão final da encíclica. Um dos principais teólogos alemães no concílio, o professor Joseph Ratzinger, expressou (como registra MacCulloch) sua "desaprovação particular do que via como o otimismo fácil de *Gaudium et Spes*". Em 1978, Wojtyła tornou-se o Papa João Paulo II. Após sua morte em 2005, foi sucedido por Ratzinger, como Papa Bento XVI. Entre eles, esses dois papas contrarrevolucionários governaram a Igreja por trinta e cinco anos antes da ascensão de Francisco. Eles reimpuseram o estilo autoritário.

O magnetismo de superestrela de João Paulo restaurou o brilho da supremacia papal, e o muito mais apagado Bento ainda conseguiu se aquecer em sua glória refletida. Mas seus papados foram obscurecidos por uma sombra cada vez mais profunda. O absolutismo é absolutamente corrupto. Uma cultura de submissão, obediência e hierarquia gera abuso, encobrimentos e impunidade. O Vaticano protegeu clérigos que abusaram de crianças e jovens. Operou um sistema mundial no qual as vítimas eram silenciadas e os perpetradores eram protegidos de sanções criminais, muitas vezes transferidos de paróquia em paróquia, ou mesmo de país em país, para escapar da lei.

O desvendamento dessa impunidade teve consequências catastróficas para a Igreja institucional, inclusive em meu próprio país. Cresci em uma Irlanda que se caracterizava não apenas por sua esmagadora maioria católica, mas pela onipresente visibilidade e profundo respeito por seu clero. No entanto, em 2014, o escritor católico americano Donald Cozzens, dirigindo-se a seus colegas padres que se reuniram no outrora poderoso seminário da Irlanda em Maynooth para celebrar o jubileu de suas ordenações, foi brutalmente franco:

O respeito e a confiança dos anos passados foram em grande parte destruídos.

As pessoas boas nos olham com desconfiança. Queremos dizer: "Você pode confiar em mim. Não vou machucar você nem seus filhos." Mas a confiança foi quebrada. Ele levantou uma questão existencial: "Será que vocês, homens reunidos aqui no seminário que os formou, poderiam ser os últimos padres da Irlanda?" A sugestão não era ridícula: em novembro passado, a arquidiocese católica de Dublin reconheceu: "Nenhum padre foi ordenado para a arquidiocese este ano e apenas dois padres foram ordenados para a arquidiocese desde 2020."

Essa perda de confiança acelerou a perda do poder papal, especialmente na Europa e na América do Norte. Argumentavelmente, os papas agora têm apenas uma influência marginal sobre as opiniões e o comportamento dos fiéis. A Igreja patriarcal não conseguiu impedir que as mulheres católicas reivindicassem sua autonomia pessoal e corporal. A maioria dos católicos sexualmente ativos usa contraceptivos, embora proibi-los tenha se tornado um dos ensinamentos característicos da Igreja após a encíclica papal "*Humanae Vitae*" ser emitida em

1968. A maioria apoia o uso da fertilização in vitro, que também é proibida. Nos EUA, apenas cerca de 10% dos católicos concordam com a insistência da Igreja de que o aborto deve ser ilegal em todos os casos. Na Europa Ocidental e nos EUA, a maioria dos católicos apoia o direito ao casamento para casais gays e lésbicas. Os católicos americanos tendem a ser menos propensos a se divorciar do que os protestantes, mas também acreditam que pessoas divorciadas devem ser admitidas aos sacramentos. Por outro lado, católicos de direita sentem-se à vontade para ignorar o ensinamento papal sobre a crise climática, pobreza e migração. Essencialmente, em sociedades onde são livres para fazer escolhas sobre esses assuntos, muitos católicos gostam quando o papa concorda com eles, mas não se incomodam muito se ele não o faz.

O que mais importa nas democracias, portanto, não é o ensinamento do papa. É o seu modo de liderança.

Despojado de seu poder temporal e de sua capacidade de comandar obediência, o papado é uma exibição de modos. O papa representa uma ideia de como se parece uma boa autoridade. Foi para isso que Francisco foi presumivelmente escolhido por seus colegas cardeais em 2013. Seu papado foi revolucionário, não em seu conteúdo, mas em sua conduta – e a suposição é que Leão foi escolhido para consolidar essa revolução.

Seguir Francisco não implica, então, um abraço aberto à reforma doutrinária ou organizacional. Conceitualmente, Francisco retornou à ideia do Povo de Deus proclamada em 1965 e depois efetivamente anulada por João Paulo e Bento. Mas ele fez pouco para mudar a doutrina conservadora sobre direitos reprodutivos, divórcio ou homossexualidade. Ele fez progressos limitados para acabar com o domínio esmagador de um clero masculino e (pelo menos em princípio) celibatário. Ele nomeou várias mulheres para cargos de alto escalão na Cúria Romana, embora o conclave que se seguiu à sua morte tenha exibido a realidade de que 133 homens, em grande parte idosos, ainda estavam no controle da Igreja.

O relatório final do Sínodo sobre a Sinodalidade – um processo mundial de consulta aos fiéis – foi divulgado em outubro passado e constitui tanto o último testamento do papado de Francisco quanto a agenda acordada para o de Leão. Ele reconhece aqueles que "continuaram a expressar a dor de se sentirem excluídos ou julgados por causa de seu estado civil, identidade ou sexualidade" e reconhece que "surgiu um desejo de expandir as possibilidades de participação e para o exercício da correspondência diferenciada por todos os Batizados, homens e mulheres." Mas, aquém de permitir que mulheres se tornem padres, a maneira mais óbvia de mudar o equilíbrio de gênero dentro da Igreja seria reviver a antiga prática cristã, que persistiu durante o primeiro milênio da Igreja, de permitir que mulheres fossem ordenadas como diáconas. O relatório deixa essa demanda pairando no ar: "A questão do acesso das mulheres ao ministério diaconal permanece aberta. Esse discernimento precisa continuar." As evidências sugerem que Prevost tem pouco

entusiasmo pela ideia. Em outubro de 2023, ele disse que "clericalizar as mulheres" não resolve necessariamente um problema, pode criar um novo problema." A transformação do papado por Francisco, portanto, foi mais de estilo do que de substância. Isso não diminui sua importância – com governantes autoritários em ascensão, a adoção por um papa de um estilo de liderança democrático conta. Seu biógrafo Austen Ivereigh notou a importância de um dos primeiros atos de Francisco como papa – sua escolha de residência: "Francisco foi morar não no Palácio Apostólico, mas na Casa Santa Marta, porque não se via como imperador de Roma, mas [como] o pastor-chefe da Igreja."

Nesta comédia de costumes, a importância do estilo pode ser bastante literal.

Francisco manteve seus velhos sapatos pretos, em contraste com os vermelhos artesanais de seu predecessor Bento. Ele ostentava uma cruz peitoral barata banhada a prata e um relógio de plástico e se vestia com uma batina branca simples. Em flagrante contraste, seu pretenso nêmesis, o Cardeal Burke, personificava o que Francisco zombeteiramente chamava de "padre pavão". Burke, como descrito por Frédéric Martel em seu best-seller *No Armário do Vaticano* (2019), lembra o desfile de moda eclesiástico satírico em Roma de Federico Fellini (1972):

Ele pode passear em grande estilo, em sua cappa magna, em uma túnica inimaginavelmente longa, em uma floresta de renda branca ou vestido com um longo casaco em forma de roupão, enquanto, ao mesmo tempo, no decorrer de uma entrevista, denuncia em nome da tradição uma "Igreja que se tornou feminizada demais."

Francisco entendia a importância desses significantes para os oponentes da mudança. "Eles me criticam", disse ele em 2017, "primeiro, porque não falo como um papa e, segundo, porque não ajo como um rei." Ao se recusar a agir como imperador, ele correu o enorme risco de desmistificar um cargo que, afinal, repousa em sua reivindicação de acesso pessoal único ao mistério divino. Em uma famosa passagem sobre a família real britânica, o escritor vitoriano Walter Bagehot alertou: "Acima de tudo, nossa realeza deve ser reverenciada... Seu mistério é sua vida. Não devemos deixar a luz do dia entrar na magia." Francisco deixou a luz do dia entrar na magia do papado, e parece claro que Leão não tem intenção de fechar essas cortinas novamente.

Para muitos católicos, essa deflação da persona papal tem sido uma alegria. A romancista Chimamanda Ngozi Adichie, que foi uma católica fervorosa em sua juventude na Nigéria, escreveu um ensaio para o *The Atlantic* capturando a maneira como Francisco permitiu que aqueles que haviam sido alienados pela arrogância da Igreja se reconectassem com ela. Ela observou que, quando jovem, "recuara diante da rapidez com que a Igreja ostracizava e humilhava, como a ameaça de punição

sempre pairava, como um punho cerrado, pronto para golpear." Mas ela também se afeiçou a Francisco, um papa que parece valorizar a pessoa tanto quanto a instituição. Ele parece reconhecer que os seres humanos são falhos. Ele parece capaz de dizer aquela coisa tão pouco católica: "Eu não sei." "Eu não sei" sugere flexibilidade, espaço para conhecer, crescer e mudar.

Pouco depois de sua eleição, em uma coletiva de imprensa improvisada em um avião do Rio de Janeiro em julho de 2013, Francisco fez uma pergunta retórica surpreendente: "Se alguém é gay e busca o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?" Essas últimas cinco palavras certamente devem estar entre as menos imperiais já proferidas por um papa. Francisco também fez outra coisa notavelmente não papal: admitiu que estava errado. Seu manejo desajeitado e defensivo de um escândalo de abuso sexual clerical no Chile foi corretamente condenado, mas ele confessou seus próprios pecados não a Deus (embora presumivelmente o tenha feito também), mas às vítimas. Ao encontrar-se com cada uma delas individualmente, ele admitiu: "Eu fui parte do problema! Eu causei isso. Sinto muito e peço seu perdão."

Existe algum caminho de volta de um papa que tenta não julgar e que reconhece que fez parte do problema?

A eleição de Prevost sugere que a hierarquia da Igreja sabe que não há. A maneira do novo papa pode não ser tão enfaticamente despretensiosa quanto a de Francisco, mas ele certamente não está buscando um retorno ao estilo imperial. Em seu primeiro discurso da varanda de São Pedro, ele declarou: "Sou filho de Santo Agostinho, um agostiniano. Ele disse: 'Com vocês sou cristão, para vocês sou bispo.'" A mensagem era clara: ele é, antes de tudo, um membro do Povo de Deus, e em seu cargo seu dever é servir em vez de comandar. Em um significante mais sutil, Leão celebrou sua primeira missa na Capela Sistina usando sapatos pretos como Francisco, não os vermelhos que adornavam os pés dos papas imperiais. Ele não vai ser um padre pavão.

Ele pode, mais seriamente, encontrar-se pedindo perdão às vítimas de abuso sexual clerical, assim como Francisco fez. A Rede de Sobreviventes de Abusados por Padres alega que, como bispo de Chiclayo no Peru, "Prevost falhou em abrir uma investigação [e] enviou informações inadequadas a Roma" sobre alegações de má conduta por dois padres em sua diocese. Essas alegações ganharão muito mais destaque agora que o bispo é o papa. Ele pode ter que repetir os atos de contrição pessoal de Francisco. A humildade, nesse caso, não deve ser meramente pregada, mas dolorosamente praticada. E deve ser institucionalizada: o pedido de desculpas final às vítimas de abuso clerical seria a criação de uma Igreja na qual seria impossível para os perpetradores gozarem de impunidade – ou seja, uma Igreja na qual o sacerdócio não seja mais uma função de poder patriarcal.

Leão descobrirá que seguir os passos de Francisco é uma coisa, mas saber o destino da jornada é outra bem diferente. Francisco levantou a difícil questão – não apenas para a Igreja, mas para o mundo – de como agir com autoridade em uma cultura contemporânea onde a boa autoridade é atacada pelo despotismo fanfarrão, por um lado, e pela fragmentação da mídia que costumava projetá-la, por outro. Ao lado de sua fé religiosa, Francisco depositou sua fé na possibilidade de uma forma de liderança despojada de poder, magia e obediência forçada, e que depende, em vez disso, da expressão de respeito compartilhado e amor mútuo. Mas ele foi incapaz – e talvez relutante – de dar a essa fé uma forma institucional adequada, que realmente reconheça a igualdade da metade feminina da humanidade e que, na realidade, não continue a julgar duramente as pessoas LGBTQ+.

Leão será um bom papa se conseguir, à sua maneira mais quieta e cerebral, sustentar a decência, a compaixão e a abertura de seu predecessor. Ele será um grande papa se conseguir traduzir esse comportamento benigno no tipo de mudança que, em última análise, não depende da personalidade de um papa. Tal mudança é estrutural e permanente: a completa transformação de uma ditadura monárquica masculina em uma personificação viva do espírito da democracia. Somente quando isso for realizado o fantasma do império terá sido finalmente sepultado.